

FALTA UM DISCO  
(Carlos Drummond de Andrade)

Amor,  
estou triste porque  
sou o único brasileiro vivo  
que nunca viu um disco voador.  
Na minha rua todos viram  
e falaram com seus tripulantes  
na língua misturada de carioca  
e de sinais verdes luminescentes  
que qualquer um entende, pois não?  
Entraram a bordo (convidados)  
voaram por aí  
por ali, por além  
sem necessidade de passaporte  
e certidão negativa de IR,  
sem dólares, amor, sem dólares.  
Voltaram cheios de notícias  
e de superioridade.  
Olham-me com desprezo benévolo.  
Sou o pária,  
aquele que vê apenas caminhão  
cartaz de cinema, buraco na rua  
& outras evidências pedestres.  
Um amigo que eu tenho  
todas as semanas vai ver o seu disco  
na praia de Itaipu.  
Este não diz nada para mim,  
de boca, mas o jeito,  
os olhos! contam de prodígios  
tornados simples de tão semanais  
apenas secretos para quem não é  
capaz de ouvir e de entender um disco.  
Por que a mim, somente a mim  
recusa-se o ÓVNI?  
Talvez para que a sigla  
de todo não se perca, pois enfim  
nada existe de mais identificado  
do que um disco voador hoje presente  
em São Paulo, Bahia  
Barra da Tijuca e Barra Mansa.  
(Os pastores desta aldeia  
já me fazem zombaria  
pois procuro, em vão procuro  
noite e dia  
o zumbido, a forma, a cor  
de um só disco voador.)  
Bem sei que em toda parte  
eles circulam: nas praias  
no infinito céu hoje finito  
até no sítio de um outro amigo em Teresópolis.  
Bem sei e sofro  
com a falta de confiança neste poeta  
que muita coisa viu extraterrena  
em sonhos e acordado  
viu sereias, dragões  
o Príncipe das Trevas  
a aurora boreal encarnada em mulher  
os sete arcanjos de Congonhas da Luz  
e doces almas do outro mundo em procissão.  
Mas o disco, o disco?  
Ele me foge e ri de minha busca.

Um passou bem perto (contam)  
quase a me roçar. Não viu? Não vi.

Dele desceu (parece)  
um sujeitinho furta-cor gentil  
puxou-me pelo braço: Vamos (ou: plnx),  
talvez...?  
Isso me garantem meus vizinhos  
e eu, chamado não chamado  
insensível e cego sem ouvidos  
deixei passar a minha vez.  
Amor, estou tristinho, estou tristonho  
por ser o só  
que nunca viu um disco voador  
hoje comum na Rua do Ouvidor.

Disponível em:

<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond22.htm>. Acesso em 15 jul. 2019.